

Ações artístico-culturais e o protagonismo migrante nos abrigos da Operação Acolhida em Boa Vista – Roraima/Brasil

Leila Adriana Baptaglin e Luciana Hartmann

Leila Adriana Baptaglin

Universidade Federal de Roraima – Boa Vista, RO, Brasil

E-mail: lab251084@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8137-0913>

Luciana Hartmann

Universidade de Brasília – Brasília, DF, Brasil

E-mail: luhartm71@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1203-5027>

Dossiê

Resumo: Este artigo parte de uma pesquisa etnográfica realizada em abrigos da Operação Acolhida em Boa Vista – Roraima/Brasil, com o objetivo de conhecer as ações artístico-culturais desenvolvidas nestes espaços e compreender o papel dos migrantes nestas ações. A Operação Acolhida é coordenada pelo Exército brasileiro e pela Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), com apoio interministerial, de agências humanitárias e ONGs. Calcada em observações, entrevistas e práticas artísticas, a investigação foi realizada em cinco abrigos: Rondon 1, Rondon 5, Pricumã, Jardim Floresta e Waraotuma a Tuaranoko, geridos pelas ONGs AVSI Brasil e Fraternidade sem Fronteiras. A partir do material registrado, foi realizada análise de conteúdo com duas categorias: organização dos abrigos e projetos artístico-culturais. Esta permitiu depreender que as ações artístico-culturais realizadas nos abrigos se configuram como importantes espaços de sociabilidade, inclusão e protagonismo migrante, evidenciando a necessidade de avanço nas políticas humanitárias.

Palavras-chave: Migração; abrigos; Operação Acolhida; ações artísticas/culturais; deslocamentos.

**Artistic and cultural actions and
migrant protagonism in Operation
Acolhida shelters in Boa Vista,
Roraima, Brazil**

Abstract: This article draws on ethnographic research conducted in shelters of Operation Acolhida in Boa Vista, Roraima, Brazil, with the aim of examining the artistic and cultural actions developed in these spaces and understanding the role of migrants within them. Operation Acolhida is coordinated by the Brazilian Army and the United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR), with interministerial support as well as the involvement of humanitarian agencies and NGOs. Based on observations, interviews, and artistic practices, the research was carried out in five shelters: Rondon 1, Rondon 5, Pricumã, Jardim Floresta, and Waraotuma a Tuaranoko, managed by the NGOs AVSI Brasil and Fraternidade sem Fronteiras. From the recorded material, a content analysis was conducted using two categories: shelter organization and artistic/cultural projects. The analysis indicates that the artistic and cultural actions carried out in the shelters constitute important spaces for sociability, inclusion, and migrant protagonism, highlighting the need for further advances in humanitarian policies.

Keywords: Migration; shelters; Operation Acolhida; artistic/cultural actions; displacement.

**Acciones artístico-culturales y
protagonismo migrante en los
albergues de la Operación Acolhida
en Boa Vista, Roraima, Brasil**

Resumen: Este artículo se basa en una investigación etnográfica realizada en los albergues de la Operación Acolhida en Boa Vista, Roraima, Brasil, con el objetivo de analizar las acciones artísticas y culturales desarrolladas en estos espacios y comprender el papel de los migrantes en dichas acciones. La Operación Acolhida es coordinada por el Ejército brasileño y la Agencia de las Naciones Unidas para los Refugiados (ACNUR), con apoyo interministerial, así como de agencias humanitarias y ONG. A partir de observaciones, entrevistas y prácticas artísticas, la investigación se llevó a cabo en cinco albergues: Rondon 1, Rondon 5, Pricumã, Jardim Floresta y Waraotuma a Tuaranoko, gestionados por las ONG AVSI Brasil y Fraternidade sem Fronteiras. Con base en el material registrado, se realizó un análisis de contenido a partir de dos categorías: organización de los albergues y proyectos artístico-culturales. El análisis permitió comprender que las acciones artístico-culturales desarrolladas en los albergues se configuran como importantes espacios de sociabilidad, inclusión y protagonismo migrante, lo que evidencia la necesidad de avanzar en las políticas humanitarias.

Palabras clave: Migración; albergues; Operación Acolhida; acciones artístico-culturales; desplazamientos.

Introdução

No século XXI, em decorrência de diversas alterações na geopolítica mundial, o panorama migratório brasileiro também tem se modificado bastante. Neste artigo trataremos do caso específico da migração venezuelana para o Brasil. A partir de 2016-2017, o estado de Roraima, situado no extremo norte do país, passou a receber milhares de migrantes, motivados pela crise político-econômica da Venezuela. Embora inicialmente o Brasil não se apresentasse como um destino atraente para os venezuelanos, em função, sobretudo, da diferença de idiomas entre os países, em pouco tempo a “fronteira seca” entre a cidade de Santa Helena de Uairén (Venezuela) e Pacaraima (Brasil) passou a constar como importante rota migratória desta população. Segundo dados de 2024 da Plataforma R4V (Plataforma de Coordenação Interagencial para Refugiados e Migrantes da Venezuela), que monitora o fluxo migratório a partir de informações de agências da Organização das Nações Unidas (ONU) e da sociedade civil, desde 2017 mais de 1.000.000 de venezuelanos já entraram no Brasil, dos quais 568.058 estão residindo no território brasileiro (R4V, 2024).

Em Boa Vista, onde a primeira autora atua como professora no Curso de Licenciatura em Artes Visuais e nos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Federal de Roraima (UFRR), a temática da migração tornou-se incontornável e tem dado origem a ações tanto de extensão quanto de pesquisa, que visam debater e compreender melhor a questão, valorizando as vozes dos sujeitos envolvidos. Uma dessas ações foi o projeto de pesquisa de pós-doutorado “Aprendizagens artísticas em contexto de migração: ações de ensino/aprendizagem artísticas desenvolvidas nos abrigos de migrantes em Boa Vista – Roraima/Brasil”, que deu origem a este artigo¹. Essa investigação foi realizada ao longo de 12 meses, entre 2023 e 2024, em cinco dos seis abrigos da Operação Acolhida – (resposta governamental à crise migratória venezuelana, com início em 2018 – que acolhem migrantes e refugiados venezuelanos na cidade de Boa Vista/RR).

Na primeira etapa desta investigação procuramos, por meio de pesquisa etnográfica, conhecer, de um lado, a perspectiva institucional de organização dos abrigos da Operação Acolhida e, de outro, a perspectiva dos migrantes, moradores dos abrigos, sobre as ações artísticas que ocorrem nestes espaços. A segunda etapa foi dedicada a processos de cocriação e prática artística com os crianças e adultos migrantes. Neste artigo abordaremos especialmente os resultados da primeira etapa, buscando, por meio da escuta dos diferentes atores (coordenadores/responsáveis pelos abrigos e migrantes), compreender como as ações artístico-culturais, que não são necessariamente previstas pela organização institucional, tornam-se importantes espaços de sociabilidade, inclusão e protagonismo migrante nos abrigos da Operação Acolhida, entendendo aqui o protagonismo como “resistência, combate, enfrentamento de antagonismos produzidos pelo mundo físico e/ou social e que afeta a todos” (Perrotti, 2017).

¹ O projeto foi realizado no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UnB (PPGCEN), sob supervisão da segunda autora.

Uma breve contextualização do fenômeno migratório em Roraima e dos abrigos da Operação Acolhida de Boa Vista (RR)

Roraima é um estado situado na Região Norte do Brasil, cortado pela linha do Equador, e possui uma população de 636.707 habitantes, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). Com extensão de 223.644,527 km² e formado por 15 municípios, limita-se ao norte e noroeste com a República Bolivariana da Venezuela, a leste com a Guiana Francesa, ao sudeste com Estado do Pará e a sudoeste e oeste com o Estado do Amazonas. Foi Território Federal do ano de 1943 até 1988, quando se tornou um Estado Federado. Boa Vista é a capital de Roraima e é a cidade mais populosa do estado, com aproximadamente 413.486 habitantes (IBGE, 2022). O jovem estado de Roraima, portanto, foi constituído por intenso fluxo migratório inter e intra estadual, entre as décadas de 70 e 90 do século XX (Diniz, 2008), e mais recentemente pela intensa migração venezuelana.

Com a chamada “crise migratória” instaurada em 2018 no estado, por meio de uma operação interministerial de ordenamento da fronteira e acolhimento dos deslocados, foi criada uma Força-Tarefa Logística Humanitária, sob responsabilidade do Exército Brasileiro, chamada Operação Acolhida. Regulamentada inicialmente como uma Medida Provisória – a MP 820 – a Operação Acolhida foi transformada na Lei n. 13.648, de 21 de junho de 2018, e passou a trabalhar com três pilares: Ordenamento da Fronteira Brasil-Venezuela; Abrigamento / Acolhimento de migrantes da Venezuela; e Interiorização dos migrantes (Brasil, 2022a). Os três pilares estão relacionados entre si. Como grande parte do estado de Roraima está localizado em terras indígenas e áreas de preservação ambiental, o estado, que é cortado pela BR 174, acaba sendo um “corredor de passagem” para os migrantes. Enquanto o Exército lidera a atuação no Ordenamento da Fronteira, o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS) coordena o Subcomitê Federal para Acolhimento e Interiorização de Imigrantes em Situação de Vulnerabilidade (SUFAI), articulando com as outras instâncias o atendimento realizado nos abrigos em Roraima e na estratégia de interiorização organizada junto aos órgãos parceiros, estados e municípios de todo o país. O Interiorização objetiva, de acordo com o site oficial do Governo Federal: “permitir que as pessoas beneficiadas tenham melhores oportunidades de integração social, econômica e cultural, bem como reduzir a pressão sobre os serviços públicos atualmente existente principalmente em Roraima, localizado na fronteira norte do Brasil com a Venezuela” (Brasil, [s. l.]).

Há 4 modalidades de interiorização, que descrevemos abaixo tal como nos foram apresentadas pela Assistente de Proteção de Base Comunitária que atua no Abrigo Rondon 5 (PBC-R5²), em entrevista realizada em 2023, em consonância com o que está previsto na Operação Acolhida (Brasil, [s. l.]):

- 1) Abrigo – abrigo (institucional que eles vão deste abrigo, para ir para outro abrigo, que não é igual a esse, mas só tem 3 meses para sair, são para pessoas que não tem nenhum tipo de ajuda de amigos, familiares)
- 2) Reunião social (eu tenho um amigo e ele faz um pedido)
- 3) Reunião familiar (a família faz um pedido e a gente faz uma reunião)

² A identificação dos sujeitos participantes ser dará pela abreviação de suas funções e do abrigo que trabalham, da seguinte forma: Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC); Gestão de Proteção (GP) e Coordenador (C).

4) VES – Vaga de emprego sinalizada (quando a pessoa vai com uma vaga de emprego) (APBC-R5, *Entrevista*, 2023).

Neste artigo, vamos nos deter especificamente no eixo Abrigamento / Acolhimento de migrantes da Venezuela, com foco na organização dos abrigos de Boa Vista e nas ações artísticas que ocorrem no âmbito destes.

Ao longo dos últimos sete anos a organização física dos abrigos vem passando por diversas reestruturações, a fim de atender demandas de várias ordens. Como aponta Beatriz Silva (2023, p. 23), os “procedimentos emergenciais prolongados, como é o caso das ações da Operação Acolhida, fazem com que as dinâmicas sejam alteradas constantemente: o surgimento de novas demandas, a criação de projetos, a reorganização dos espaços”. O relatório de 2022 do Comitê Federal de Assistência Emergencial (Brasil, 2022b, p. 22) demonstra como se deram parte destas alterações:

Em conjunto com o Governo Brasileiro, e em parceria com organizações da sociedade civil, durante o período de abrangência do presente relatório, o ACNUR apoiou a gestão de 14 abrigos em Roraima e o Alojamento de Trânsito em Manaus. Houve a unificação dos abrigos Rondon 1 e Rondon 4 em apenas um centro de acolhimento; inauguração do abrigo indígena Waraotuma a Tuaranoko, e encerramento das atividades de gestão nos abrigos São Vicente II, Anexo BV8, Nova Canaã, Tancredo Neves e Pintolândia. Mediante acordo de cooperação com o Ministério da Cidadania - MC, a Associação Voluntários para o Serviço Internacional (AVSI), a Fraternidade Sem Fronteiras (FSF) a Fundação Pan-Americana para o Desenvolvimento (PADF) e a Agência Humanitária da Igreja Adventista do Sétimo Dia (ADRA), organizações da sociedade civil parceiras do ACNUR, realizaram a gestão humanitária dos abrigos e abrigos de trânsito (ATM), juntamente com a Força-Tarefa (FT Log Hum).

Assim, a partir de 2023, o estado de Roraima passou a contar com 8 abrigos, sendo 6 deles em Boa Vista (Pricumã, Rondon 1, Rondon 2, Rondon 5 e os abrigos indígenas do Jardim Floresta e Waraotuma a Tuaranoko) e 2 deles em Pacaraima (BV-8 e o abrigo indígena Janokoida).

De acordo com dados da Operação Acolhida, em fevereiro de 2025, havia cerca de 6.000 pessoas nos abrigos de Boa Vista (Brasil, 2025). A maior parte dos abrigos (Pricumã, Rondon 1, Rondon 2, Rondon 5 e Waraotuma a Tuaranoko) está localizada no Bairro 13 de setembro, que se tornou um local com maior fluxo de migrantes na cidade (ACNUR, 2023).

A organização dos abrigos: comitês e grupos focais

Antes de iniciarmos a pesquisa de campo propriamente dita, foi necessário submeter o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRR (Plataforma Brasil) e às diversas instâncias que atuam nos abrigos, como o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS) e a agência da ONU para Refugiados (ACNUR). Este processo levou cerca de oito meses. Só após a aprovação do Comitê de Ética é que pudemos partir para o contato, mediado pela ACNUR, com os coordenadores/representantes dos abrigos investigados, respectivamente: Abrigo Rondon 1, Rondon 5, Pricumã, Jardim Floresta e Waraotuma a Tuaranoko.

Nos abrigos, a primeira etapa foi realizada entre setembro e dezembro de 2023, com observações, entrevistas semiestruturadas com os coordenadores/representantes e conversas informais com os migrantes que participavam das ações artístico-culturais desenvolvidas nestes espaços.

Após o contato com os coordenadores/representantes dos abrigos, marcamos a entrevista em seus locais de atuação, o que possibilitou melhor observação dos abrigos. Nessas entrevistas, partimos de um roteiro que nos possibilitou compreender, em conjunto com as observações etnográficas, a organização destes espaços. A partir destes dados, elaboramos uma planilha com as principais informações sobre as ações culturais e/ou artísticas que são desenvolvidas nos abrigos. Essa etapa buscou evidenciar as formas de organização e operacionalização das ações culturais e/ou artísticas buscando verificar quais ações existiam, quem as coordenava, quem eram e quantos eram os participantes e principalmente, qual era a atuação dos migrantes.

Destacamos que, dos 5 abrigos, 2 são específicos para indígenas venezuelanos e 3 são para os demais migrantes/refugiados venezuelanos. Em 2022, como já foi introduzido acima, os abrigos de Boa Vista foram reorganizados. Quando realizamos nossa pesquisa de campo, encontramos a seguinte estrutura e respectiva ocupação: Abrigos indígenas – Jardim Floresta (439 pessoas, com capacidade para 460) e Waraotuma a Tuaranoko (1.424 pessoas, com capacidade para 1.500); Alojamento (Rondon 02); Interiorização – Rondon 05 (899 pessoas, com capacidade para 1.100); Moradias (Rondon 01 com 1.381 pessoas, com capacidade para 1.242) e Pricumã (1.266 pessoas, com capacidade para 1.390). No que tange à ocupação dos espaços, portanto, segundo nossa observação, confirmada por dados do ACNUR de julho de 2024, todos os abrigos de Boa Vista/RR estão com uma ocupação igual ou superior a 80%. Dados mais detalhados sobre a estrutura dos abrigos podem ser encontrados em Vasconcelos e Machado (2021), Rodrigues Junior (2022), Silva (2023), Lessa (2024), Baptaglin e Oliveira (2024) e Baptaglin, Oliveira e Oliveira (2025) entre outros.

Dentre os abrigos da Operação Acolhida observados, três são administrados pela Associação Voluntário para o Serviço Internacional (AVSI Brasil), e dois pela Fraternidade sem Fronteiras. A AVSI administra o Rondon 1, que é considerado o maior abrigo da América Latina, o Waraotuma a Tuaranoko, que é um dos abrigos indígenas e atende várias etnias como Warao, Remon, Kariña, Curipaco, Jivi, Wayúu, E'ñepá e Yekuana, e o Rondon 5, nomeado de Centro de interiorização, pois acolhe aqueles migrantes que desejam buscar trabalho no interior do país. Já a Fraternidade sem Fronteiras administra o abrigo indígena Jardim Floresta, que atende etnias como Warao, E'ñepá, Kariña, Guajiro, Akawaio e Pemon/Taurepang, e o abrigo Pricumã, que acolhe as famílias e a população em geral.

Todos os abrigos têm uma estrutura física bastante semelhante: são extensos terrenos praticamente desprovidos de vegetação, cercados por placas de MDF³ ou alumínio, com uma guarita de entrada, monitorada pelo Exército, casas fornecidas pela ACNUR, de acordo com o modelo internacional usado em campos de refugiados, chamadas Unidade de Habitação para Refugiados (RHU, na sigla em inglês) que abrigam uma ou duas famílias, refeitórios e banheiros comuns, estes últimos divididos entre

³ Tipo de madeira produzida a partir de fibras de madeira trituradas – *Medium Density Fiberboard*, em inglês.

masculino e feminino. Alguns abrigos contam com espaços específicos de moradia para mulheres, crianças desacompanhadas, idosos, pessoas LGBTQIAP+. Outros contam com o Espaço Super Panas (Super Amigos, em espanhol), dedicado às crianças, coordenado pela UNICEF, porém quando realizamos a pesquisa de campo apenas um destes espaços estava ativo.

A organização dos abrigos é feita sob duas perspectivas: macro, em forma de ações intersetoriais (Ministério do Desenvolvimento – MDS, Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania – MDHC, Ministério da Justiça e Segurança Pública – MJSP, Exército, Agências humanitárias, Organizações Não Governamentais – ONGs, entre outras), e micro, por meio de Comitês que atuam dentro de cada abrigo, alguns com a participação de migrantes. Neste artigo, como pretendemos analisar a agência dos migrantes venezuelanos no contexto de abrigamento, vamos priorizar a perspectiva micro, com foco na atuação desses Comitês a partir de entrevistas feitas com agentes institucionais e com migrantes. Não se pode ignorar, no entanto, que este contexto micro é afetado pelo macro. Como criticam Iana Vasconcelos e Igor Renó Machado (2021, p. 107): “Por um lado, militares organizam abrigos, distribuem comida e doações e, por outro, seguem protocolos que exigem a vigilância e controle sobre os corpos e documentos”. Como procuraremos demonstrar abaixo, as ações artístico-culturais que ocorrem no âmbito dos Comitês, dos Grupos focais ou de projetos específicos, embora atrelados a esta estrutura organizacional, abrem pequenas brechas para o protagonismo migrante, articulando de outras formas a vigilância e controle institucional. É como se a condição liminar vida no abrigo, ao ser limitada e regada cotidianamente pelo exército, se tornasse uma nova estrutura. Nesta “dicotomia permanência-provisoriade” identificada por Beatriz Silva (2023) em seu trabalho de campo nos abrigos, as ações artístico-culturais parecem sugerir o surgimento de micro “antiestruturas”, no sentido dado pelo antropólogo Victor Turner (2013). Turner, reconhecido por suas pesquisas no campo das práticas rituais, foi um dos criadores, com o diretor de teatro Richard Schechner, da Antropologia da Performance. Para ele, a vida social se dá em um movimento dialético que se alterna entre estrutura social e o que ele chama de *communitas*, ou seja, entre estrutura e antiestrutura. São justamente os momentos efêmeros dos rituais ou performances (no caso aqui analisado, as práticas artísticas realizadas no âmbito dos abrigos) que permitem a criação das antiestruturas.

Ao longo da pesquisa de campo, além das observações, realizamos entrevistas com os coordenadores/representantes e com migrantes que trabalham e/ou vivem nos abrigos, organizadas a partir de um roteiro com questões abertas. Este momento foi bastante decisivo para compreendermos como são organizados os abrigos e identificarmos as ações artístico-culturais neles realizadas. Concomitantemente às entrevistas, realizamos observações e conversas informais com os formadores e participantes das ações artístico-culturais. Os dados desta etapa focam na organização, nas metodologias de ensino/aprendizado utilizadas nas ações e no protagonismo dos migrantes neste processo.

Na etapa das entrevistas, tivemos a participação dos seguintes coordenadores/representantes (Quadro 1):

Quadro 1: Coordenadores/representantes dos abrigos investigados

Abrigo	Atuação	Nacionalidade	Idade	Formação	Tempo no abrigo
Rondon 01	Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC-R1)	Brasileira	26	Graduação em Relações Internacionais e Pós-graduação	Aproximadamente 3 anos
Rondon 05	Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC-R5)	Venezuelana	36	Graduação em Pedagogia	Aproximadamente 5 anos
Pricumã	Gestora de Proteção (GP-P)	Brasileira	27	Graduação em Relações Internacionais e Mestre	Aproximadamente 2 anos e meio
	Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC-P)	Venezuelano	30	Não informado	Aproximadamente 2 anos
Waraotuma a Tuaranoko	Coordenadora do abrigo (C-WT)	Brasileira	35	Graduação em Direito	Aproximadamente 3 anos
	Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC-WT)	Venezuelana	44	Não informado	Aproximadamente 3 anos
Jardim Floresta	Coordenador do abrigo (C-JF)	Brasileira	38	Assistente Social	Aproximadamente 1 ano
	Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC-JF)	Venezuelano	35	Tecnólogo	Aproximadamente 5 anos

Fonte: Dados da pesquisa.

Para o tratamento dos dados produzidos a partir das entrevistas e observações, trabalhamos com a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) realizando a pré-análise, a exploração do material e tratamento dos resultados com interpretação. Assim, com a transcrição das entrevistas e os relatórios de observação passamos a organização do material e buscamos analisar duas das categorias de interesse dessa investigação tendo em vista que a proposta foi de estabelecer um paralelo entre ambas. Assim, temos duas categorias de análise que foram elaboradas a partir dos dados das entrevistas: Organização dos abrigos e Projetos artístico-culturais desenvolvidos.

Na categoria Organização dos abrigos, buscamos compreender a forma com os abrigos são estruturados e como funcionam as dinâmicas internas da participação comunitária.

Como já apresentamos, os abrigos em Boa Vista (RR) são de responsabilidade do Governo Federal, pelo MDS que, a partir da implementação da Operação Acolhida, em cooperação com outros ministérios, a ACNUR, a AVSI, a Fraternidade sem Fronteiras e o Exército Nacional compõe a estrutura operacional/administrativa de funcionamento destes espaços.

Por meio das entrevistas e observações, buscamos compreender como se dá a organização institucional dos abrigos, a distribuição das funções e responsabilidades e, dentre estas, como ocorrem as ações artístico-culturais. Uma das primeiras constatações que fizemos, neste sentido, foi que os abrigos são estruturados a partir de Comitês e Grupos focais. Todos são coordenados por profissionais contratados pelas respectivas instituições e contam com a participação de membros da comunidade

migrante. Estes membros são indicados ou selecionados a partir de suas habilidades e vão se alternando na medida em que deixam de morar no abrigo. Não há um processo formalizado de inserção destes nos Comitês. Quando há um migrante morador que tem interesse/conhecimento em um dos Comitês e se disponibiliza a ofertar/auxiliar nas ações para a comunidade, o contato é feito com os representantes da Fraternidade sem Fronteiras ou da AVSI e estes passam a operacionalizar, junto ao Comitê sua inserção/operacionalização nas ações desenvolvidas.

Dentre os Comitês, podemos citar:

- 1) Comitê de cultura – define e operacionaliza as ações artístico-culturais a serem desenvolvidas;
- 2) Comitê de alimentação – coordena a equipe que cuida da recepção e/ou preparo da comida;
- 3) Comitê de distribuição de alimentos – trabalha no cuidado e execução da distribuição dos alimentos;
- 4) Comitê de limpeza – gerencia e organiza as escalas de limpeza;
- 5) Comitê de registro – delibera sobre as entradas e o encaminhamento para a acomodação dos novos sujeitos que chegam;
- 6) Comitê de infraestrutura – responsável pela estrutura/espço do abrigo;
- 7) Comitê de marmiteiro – trabalha na organização e manutenção das marmitas;
- 8) Comitê de realocação – coordena a reestruturação dos abrigos e redistribuição dos migrantes, se for o caso;
- 9) Comitê de esportes – coordena as ações esportivas e os campeonatos realizados;
- 10) Comitê de bombeiros – atua na segurança do abrigo.

É importante salientar que estes Comitês variam em cada abrigo. No Abrigo Jardim Floresta, por exemplo, há um Comitê de educação diferenciado, sobre o qual o Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC-JF), ao falar do trabalho com a língua materna, aponta que:

tem professores na área dos Eñepá e tem professores também na área dos Warao. Temporariamente, uma vez por semana, eles fazem algumas atividades com as crianças, mais que tudo sobre alfabetização e língua. Eles colocam leitura para aprender tanto a língua nativa quanto a língua espanhola e Matemática. [...] Mas eu já tive uma conversa com ele, já estamos com a ideia de ser um projeto de educação dele para ensinar as crianças, é algo mais fixo, tanto na área dos Eñepá como na área dos Warao que também ele também está disponível pra acompanhar nesse sentido. Para não perder a cultura de onde vem. Pois tem muitas crianças que já estão crescendo aqui, não sabem falar a língua nativa e já estão somente falando espanhol e português e já não falam Eñepá e Warao (APBC-JF, *Entrevista*, 2023).

O destaque para a língua espanhola e para a língua indígena é fundamental, pois reporta não somente à estrutura linguística, mas principalmente à história e à cultura de origem. Em ambos os abrigos indígenas, a questão linguística é contornada também com a questão comunitária, por meio da criação de espaços pelos próprios moradores, nos quais eles realizam danças, preparam alimentos, têm aulas da língua, mesmo que isso não seja formalizado dentro de um Comitê ou de um espaço físico. Segundo a Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC-WT), há mediadores culturais que são pessoas que conhecem a língua e auxiliam voluntariamente no processo de comunicação: “A maioria deles fala

espanhol, mas tem alguns grupos que só falam a língua nativa, só o Warao, mas aí a gente tem um mediador cultural que faz a tradução” (APBC-WT, *Entrevista*, 2023).

Além dos Comitês, os abrigos apresentam Grupos Focais que surgem pela demanda da comunidade e são coordenados pelos próprios migrantes, com o acompanhamento de um representante da Fraternidade sem Fronteiras ou da AVSI. Durante nossa pesquisa de campo, havia os seguintes grupos focais nos abrigos:

- 1) Grupo focal de idosos;
- 2) Grupo focal de homens com as novas masculinidades;
- 3) Grupo focal de mulheres;
- 4) Grupo focal de adolescentes;
- 5) Grupo focal de gestantes;
- 6) Grupo focal de casais.

Segundo a Gestora de Proteção do Abrigo Pricumã (GP-P, *Entrevista*, 2023),

os grupos focais são criados quando vão fazer atividades de conscientização aí são pessoas que participam com mais frequência e a gente usa como instrumento para propagar informação na comunidade. Já o Comitê é uma coisa mais fixa. É um trabalho voluntário que no final eles recebem um certificado de participação, o grupo focal não necessariamente.

Reforçamos que nem todos os abrigos apresentam os mesmos Comitês e os mesmos Grupos focais e que estes mudam dependendo das necessidades que se apresentam nos diferentes momentos e com os diferentes moradores.

Constatamos também que a AVSI e a Fraternidade sem Fronteiras fornecem os materiais necessários para o desenvolvimento das atividades desenvolvidas nos Comitês e Grupos focais, como papel, tinta, cola, lápis de cor, pincéis etc.: “Isso, somos nós da AVSI que fornecemos. Tipo assim, a gente envia o planejamento todo final do mês para o próximo mês e a gente já faz o pedido para desenvolver tal atividade e no mês seguinte já entregamos para a pessoa” (APBC-R5, *Entrevista*, 2023).

A formação e preparação dos profissionais contratados ocorre no âmbito da própria comunidade, com acompanhamento dos Assistentes de Proteção de Base Comunitária (APBC).

Percebemos que há uma hierarquia e papéis distintos em cada setor nos abrigos. Contudo, no que tange à organização dos Comitês e Grupos Focais, há um protagonismo dos sujeitos migrantes, tendo em vista que as demandas surgem de suas necessidades de vivência no espaço do abrigo.

Os projetos artístico-culturais desenvolvidos nos abrigos

Ao longo da pesquisa de campo, verificamos que acontecem ações artístico-culturais, ainda que de forma diferenciada, nos 5 abrigos. Dentre estas, destacamos as seguintes: Oficina de Dança (também chamada de “bailoterapia”), Oficina de material reciclável, Transformers – dança e música, Oficina de Pintura e Cinema. Todas são coordenadas pelos membros do Comitê Cultural. Já os Projetos de material

reciclável e a Oficina de música são coordenados pelos Assistentes de Proteção de Base Comunitária (APBC).

Segue abaixo uma tabela na qual se pode visualizar as ações artístico-culturais que ocorrem em cada abrigo, com seus respectivos coordenadores. Destacamos que nos abrigos indígenas Waraotuma a Tuaranoko e Jardim Floresta também são realizadas ações, contudo neste trabalho não nos deteremos nelas, haja vista a necessidade de autorização específica para acompanhá-las.

Quadro 02: Ações culturais e/ou artísticas desenvolvidas nos abrigos

Abrigos	Entrevistados	Coordenação do abrigo	Moradores	Ação artístico-cultural	Coordenação
Rondon 01	APBC-R1	AVSI	2.138	Oficina de dança – bailoterapia	Morador do Abrigo
Rondon 05	APBC-R5	AVSI	885	Oficina de material reciclável	PBC
				Transformers - dança e música	Moradores do Abrigo
Pricumã	GP-P APBC-P	Fraternidade sem Fronteiras	1.255	Oficinas de Pintura	Moradores do Abrigo
				Oficinas de música	PBC
				Cinema	Comunidade
Waraotuma a Tuaranoko	C-WT APBC-WT	AVSI	1.278		
Jardim Floresta	C-JF APBC-JF	Fraternidade sem Fronteiras	431		

Fonte: Dados da pesquisa.

Como se pode verificar, no abrigo Rondon 1, a Oficina de Dança (também chamada de “bailoterapia”) é ministrada por um morador dançarino venezuelano. Esses projetos são operacionalizados a partir de uma parceria dos Assistentes de Proteção de Base Comunitária (APBC) junto à comunidade. A Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC-R1, *Entrevista*, 2023) comenta que:

Como atuamos nessa questão da Base Comunitária, a gente tem, entre aspas, “um poder” de criar projetos. Então, [...] a gente consegue realmente ver temáticas e elaborar um projeto e a gente consegue apresentar para o Comitê que a gente corresponde. É que nem esse projeto desse instrutor de dança, ele já tinha essa bagagem então ele fazia isso na Venezuela e ele elaborou um projeto que se chama “bailoterapia”. Então a gente escreve o projeto, apresenta e com apoio a gente consegue executar. Como a gente tem essa pegada com a comunidade a gente consegue notar uma falta de atividade nesse ramo. Então a gente tem esse poder de fazer um projeto e executá-lo. Como são projetos “pequenos”, a gente consegue executar.

Este projeto, assim como muitos que são executados pelo Comitê de Cultura, são voltados para a comunidade toda, não tendo, necessariamente, uma especificação de faixa etária, muito embora a maior participação seja de crianças e jovens. Há casos como a proposta que está sendo pensada por este mesmo instrutor de dança em que a Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC-R1, *Entrevista*, 2023) destaca:

Inclusive, esse mesmo instrutor de bailoterapia está com uma proposta de fazer, junto com o grupo de grávidas, uma série de atividades. Então ele vai fazer seção de Yoga, ele vai fazer pinturas nas barrigas delas, canções de interação com as mães. Eles veem a necessidade e trazem propostas para a gente ver se é viável ou não é viável e apoia nas demandas que eles trazem.

Neste cenário, vemos que há um apoio dos Assistentes de Proteção de Base Comunitária, contudo, quem propõe, realiza e coordena as ações da dança (bailoterapia) é o dançarino. Percebemos, assim, o papel protagonista deste migrante. A inserção destes sujeitos nas tomadas de decisões acerca do que ocorre nos abrigos promove oportunidades de apropriação do espaço por parte da comunidade migrante não apenas porque viabiliza a concretização de suas demandas por atividades para ocupação do tempo, mas também pelo reconhecimento e ampliação de suas potencialidades profissionais.

No abrigo Rondon 5, constatamos também o protagonismo dos moradores na promoção de oficinas, contudo, por ser um abrigo de passagem, muitas ações acabam tendo duração limitada. A Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC-R5, *Entrevista*, 2023) comenta que por este motivo acaba coordenando algumas ações, para que possam seguir um fluxo contínuo de oferta. Já as Oficinas de Material Reciclável ofertadas no Rondon 5 são oferecidas pela Assistente de Proteção de Base Comunitária, que é também migrante venezuelana, contratada pela AVSI. Segundo ela:

Temos as oficinas de material reciclável que nós mesmo que fazemos com adolescentes e adultos, nós mesmos da AVSI. Com os adolescentes no projeto Transformers, a gente trabalha dança. Alguma pessoa da comunidade que saiba, a gente vai e ensina para os adolescentes. A gente trabalha música, tem professora de música e ela ensina para eles. A gente faz alguns corais também para eles já irem pegando o jeito da música e depois fazerem a apresentação. A gente trabalhou também nesse mês, Fotografia. Um curso de fotografia que foi feito pela AVSI pela menina que é encarregada da Rádio – a voz dos refugiados.

A Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC-R5, *Entrevista*, 2023) destaca que há, também, projetos propostos e coordenados por agentes externos:

Sim, temos parceiros. Dependendo da situação ou tema, nós contamos com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Temos, por exemplo, a “Ela pode” que vem fazer cursos de empreendedorismo feminino. Ai quando a gente monta essa turma a gente contata a ACNUR, pede autorização e na data ela vem faz o curso, entrega o certificado.

Fica claro assim que, independentemente do fato de que os projetos externos partam ou não da demanda dos moradores, todos precisam de autorização do Governo Federal através do MDS, da ACNUR e da AVSI ou Fraternidade sem Fronteiras, para que sejam concretizados nos abrigos.

No abrigo Pricumã, foi onde identificamos um maior número de ações e envolvimento com o trabalho artístico e foi onde realizamos um acompanhamento maior das ações. A Oficina de Pintura era realizada por um casal de artistas venezuelanos que, após oito meses de moradia no abrigo, conseguiu promover um projeto de Oficinas de pintura. Conforme nos contaram, desde que chegaram ao abrigo, no

final de 2022, eles começaram a realizar atividades de pintura nos espaços disponíveis e, inclusive em seu próprio espaço de moradia (chamada localmente de “carpa” – barraca em espanhol). Após conversas com a AVSI, o projeto de Oficinas de Pintura começou a ganhar forma e, no segundo semestre de 2023, eles já contavam com espaço específico para o desenvolvimento das Oficinas. A ação era realizada três vezes por semana e aberta para o público em geral, contudo, o maior número de participantes era formado por crianças e jovens de 4 a 18 anos.

O Artista-P destaca que o trabalho com a pintura fornece um importante apoio também para a saúde mental das crianças:

Es lamentable, la vinda de la gente para acá, para Perú, para otros países, ha sido traumática. Los niños más están confundidos. Cuando llegan en la carpa, el problema es mayor. Estamos haciendo una comparación con la carpita acá ellos vienen y nos llaman, profesor, profesor. En una comparación, ellos están metidos en una burbuja e en esta burbuja hay un rato de felicidad. Aquí ellos se sienten acollidos, ellos se quedan aquí escuchando. Pero esto es una hora, dos horas, pero son 12, 14 horas en el problema. Esto es como una cura (Artista-P, *Entrevista*, 2023).

Ao observarmos as ações desenvolvidas por eles no abrigo, percebemos que partem de uma proposta de aprendizado da técnica da pintura, além de um acompanhamento das crianças.

Primeramente, nosotros hicimos una simples prueba que hago una raya y le digo, en esta raya que ello haga o que venga en su mente. Y dependiendo de que el hace yo hago un balance que le pueda tener una oportunidad. No tenemos tiempo para aceptarnos a todos. Primeramente, hay que hacer una prueba, una prueba rápida. Esto es muy importante, los colores, la perspectiva (Artista-P, *Entrevista*, 2023).

Esta ação é necessária para a proposta que o casal desenvolve a fim de selecionar algumas crianças tendo em vista que a demanda é muito grande dentro do abrigo. Os coordenadores da Oficina de Pintura destacam que “*es un trabajo serio, no solo entretenimento*”. Ao serem questionados como trabalham, eles respondem que recebem muitas crianças, as quais vão sendo selecionadas de acordo com seu interesse e dedicação à Oficina. Ao perceber que um menino de 4 anos pintava com muita destreza, a artista formadora já o colocou no segundo dia da oficina para pintar em uma tela. Conforme explicaram os artistas, todas as crianças começam pintando com tinta guache no papel e aquelas que demonstram mais habilidade passam a pintar em tela.

Ao longo da pesquisa de campo, também conversamos com as crianças participantes da Oficina de Pintura. Uma das adolescentes, de 15 anos, observa que na pintura “puede sacar sus ideas de su mente e pintar, tú te siente más, con la pintura tu refleja” (Adolescente A, *Entrevista*, 2023). Outra adolescente de 13 anos destaca que com a pintura “podemos desestresarnos, pintar nuestra creatividad y conectarnos a las otras personas” (Adolescente B, *Entrevista*, 2023). Para o pai de uma criança de 4 anos que estava participando da Oficina “cada cuadro, cada pintura tiene un significado e tiene un sentimiento, por eso grandes pintores llegan a grande, porque ellos meten el significado y el sentimiento

en la pintura” (Pai A, *Entrevista*, 2023). Estes comentários demonstram como, para os participantes, a Oficina de Pintura, para além do trabalho artístico, tem um impacto em sua saúde mental.

A formadora da Oficina de Pintura também observa que o trabalho com as ações culturais oferece um importante apoio emocional: “pues no es fácil, estoy aquí, lejos de mi familia y aquí me distraigo, a gente de AVSI nos ayuda mucho. No ha sido fácil, pero aquí va” (Artista-P2, *Entrevista*, 2023). Tanto ela como as adolescentes participantes da Oficina também destacam a importância do trabalho como forma de relembrar e viver a cultura venezuelana. Percebemos, portanto, que as Oficinas são espaços de reconexão com o país de origem, sobretudo pela ausência de formadores brasileiros – o que ocorre em outras atividades desenvolvidas nos abrigos, como o Projeto Pirilampos, destacado por eles. Os relatos dos formadores, dos jovens e familiares demonstram o impacto das ações artístico-culturais no cotidiano da população abrigada e a necessidade de mais ações que promovam o acolhimento e a inclusão dos migrantes na situação de abrigamento.

Outra ação é a Oficina de música, realizada no abrigo Pricumã, que é realizada no período noturno e coordenada pelo Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC-P), músico venezuelano contratado pela AVSI que rege um coral e dá aulas de violão e percussão.

No dia da Comunidade, um dia especial para confraternização e apresentação dos trabalhos artísticos desenvolvidos no abrigo, pudemos acompanhar a apresentação das crianças e adolescentes. Eles são incentivados ao trabalho com músicas venezuelanas e brasileiras, buscando a integração cultural. No acompanhamento da atividade musical, percebemos que o Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC-P) atua no sentido de dar algumas coordenadas técnicas acerca da musicalização, contudo, a escolha das músicas é feita pelos adolescentes e crianças que participam da atividade.

Já a atividade do Cinema é uma ação desenvolvida pelo Comitê de entretenimento. Segundo a Gestora de Proteção do Abrigo Pricumã (GP-P, *Entrevista*, 2023): “Tem o cinema de noite, os filmes são de acordo com o que a comunidade vai pedindo. Hoje o foco é para os idosos, eles procuram filmes para os idosos ou que deem uma esperança, tipo seção da tarde, só que é de noite que acontece o cinema”.

Estas ações fazem parte da integração comunitária e dão visibilidade para as demandas da comunidade dos abrigos assim como permitem uma diversificação do trabalho desenvolvido pelos Assistentes de Proteção de Base Comunitária, que atuam em várias frentes.

É importante considerar ainda que, além dos projetos específicos de cada abrigo, há projetos externos, como os desenvolvidos pelo Instituto Pirilampos (escolarização/ensino-aprendizado das crianças). Segundo a Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC-R1, *Entrevista*, 2023):

Eles trabalham de crianças até adolescentes, eles têm aulas, eles fornecem aulas e quando tem alguma atividade em específico, como por exemplo o Dia das Crianças, vamos propor algumas atividades em conjunto então a gente faz essa atuação conjunta. Mas eles são bem específicos, eles têm o espaço onde eles dão aulas com as crianças e a gente faz as nossas ações em separado, algumas atividades a gente faz em conjunto, mas eles já têm um cronograma fixo de atividades que eles precisam cumprir.

Cabe destacar que o Instituto Pirlampos atua nos 5 abrigos pesquisados e apresenta uma estrutura distinta e independente dos abrigos e foca, principalmente em atividades recreativas e lúdico-pedagógicas especificamente para o público infantojuvenil. Já o projeto “Mi Casa, Su Casa” (projeto de leitura, arrecadação de livros e criação de bibliotecas) é desenvolvido pelo Joca, um jornal voltado para o público infantojuvenil, e está presente no Abrigo Rondon 1, desde 2021, no abrigo do Pricumã, desde 2022 e, em 2023, instalou uma biblioteca no abrigo Jardim Floresta.

Nos abrigos indígenas, há projetos voltados para o Artesanato indígena com miçangas, fornecidas pela ACNUR, e artefatos de palha de buriti, sendo que a palha é colhida pelos próprios indígenas em ações específicas para coleta. Há uma parceria dos dois abrigos indígenas com “A Casa Museu do Objeto Brasileiro”, que oferece cursos para produção de artesanatos: “O crescimento do projeto possibilitou que mais de 60 novos artesãos fossem incluídos no projeto, agora participando de atividades de educação financeira e criação de associações de artesãos com o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados e outros parceiros locais” (ACNUR, 2022). O Assistente de Proteção de Base Comunitária (APBC-JF, *Entrevista*, 2023) destaca que a parceria é feita com os indígenas Warao, mas já está sendo formalizada uma parceria para o desenvolvimento do artesanato também dos Eñepá:

Os Eñepá eles trabalham mais com bijuteria, colar, pulseira, chaveiro, trabalham com madeira, arco, flexa. Isso é mais que tudo feito por eles. Trabalham com sementes, eles furam. E na questão da autonomia, nas técnicas de venda, os Eñepá são mais independentes. Eles se mobilizam muito, se deslocam muito para venda, eles vão para Lethen, para Pacaraima.

Esta autonomia dos Eñepá faz com que eles consigam se mobilizar em sua produção e venda, mas também contam com o apoio, a parceria e a formação para a produção artesanal do Centro Cultural e de Formação Indígena (CCFI) coordenado pela Fraternidade – Federação Humanitária Internacional (FFHI) em parceria com a Operação Acolhida. O CCFI “tem como objetivo promover um espaço seguro e pacífico no qual indígenas migrantes e refugiados e indígenas de etnias locais tenham a oportunidade de construir uma vida mais digna” (CCFI, 2023). O CCFI é um local específico, fora dos abrigos, localizado nas proximidades do abrigo Jardim Floresta, mas que atende a população indígena e busca fazer formação para o trabalho artesanal e cultural.

Já nos demais abrigos verificamos projetos artísticos e/ou culturais que são desenvolvidos especificamente para ser apresentados no Dia da Comunidade, o qual é organizado pelos coordenadores dos abrigos. As ações e as atividades que serão apresentadas são discutidas nos Comitês e, no caso do Comitê Cultural, todas as exposições artísticas, teatrais e musicais são escolhas realizadas pelos migrantes participantes. Pudemos participar em um destes dias em que o evento foi chamado de “Formação Cultural” do Abrigo Pricumã. O nome Formação se refere também ao evento que a prefeitura municipal estava programando na mesma semana com atrações nacionais no Parque do Rio Branco, funcionando, assim, como uma réplica realizada pelos abrigados, sem necessariamente receber apoio da prefeitura ou do estado. Neste dia, estavam expostas algumas pinturas de um dos artistas do abrigo e foi realizada uma apresentação musical coordenada pelo Assistente de APBC-P. As músicas, assim como

a organização da exposição das obras foi gerenciada pelos próprios artistas/participantes do comitê cultural. Fica evidente, nas músicas e nas representações imagéticas, o vínculo com a sonoridade e a visualidade venezuelana. Percebemos que este evento é uma forma de integração da comunidade e que os sujeitos se reúnem no espaço de confraternização, que, em geral, é o mesmo lugar do refeitório. Para este evento acontecer, várias ações de artes/cultura foram mobilizadas pelos Comitês e, em especial, o Comitê Cultural.

Considerações finais: transformando espaços institucionais em lugares para viver

Como descrevemos ao longo deste texto, na perspectiva de conhecer as ações artístico-culturais desenvolvidas nos abrigos da Operação Acolhida de Boa Vista (RR) e compreender o papel dos migrantes nestas ações, pautamos nossa análise em duas categorias: por um lado, a organização institucional dos abrigos de migrantes/refugiados da Operação Acolhida e, por outro lado, os projetos artístico-culturais pelo ponto de vista dos próprios migrantes, moradores dos abrigos.

Ao longo da investigação, constatamos que nos abrigos da Operação Acolhida há uma estrutura organizacional macro complexa, multisetorial, mas também há uma preocupação em mobilizar uma estrutura micro de integração com a comunidade, que ocorre a partir dos Comitês e Grupos Focais. Os Assistentes de Proteção de Base Comunitária são fundamentais nesta integração entre ambas as estruturas, pois são eles que acolhem as demandas e viabilizam, junto aos moradores, ações que possam qualificar a vivência do espaço transitório do abrigo.

Constatamos que nos Comitês de Cultura há forte protagonismo migrante e que as ações artístico-culturais aparecem, em muitos casos, como uma forma de luta pela manutenção dos vínculos com o país de origem e pela qualidade da ocupação do tempo nos abrigos, ampliando e enriquecendo suas formas de sociabilidade nestes espaços.

A observação das ações artísticas e culturais realizadas em abrigos de acolhimento a migrantes venezuelanos nos instiga a pensar nas demandas que impulsionaram sua implementação e nos desafios de operacionalização no âmbito de organizações tão complexas. Assim como a arte-educadora Ana Mae Barbosa defende que a arte amplia as possibilidades de trabalhar os diferentes códigos culturais e instiga novos olhares para a realidade evidenciada (Barbosa, 2016), em nossa atuação como professoras de Artes Visuais e Artes Cênicas também temos apostado no potencial da arte, em seus múltiplos sentidos e práticas, na inclusão social.

Embora estejamos tratando os abrigos como espaços, numa dimensão territorial, acreditamos que, com a integração promovida pelo trabalho artístico, podemos transpô-los à categoria de lugares, que permite compreendê-los em sua dimensão humana. Nos inspiramos em Miriam Martins (2006), que nos instiga a pensar na arte como potencializadora de modos de percepção para transformação do espaço em lugar. Entendemos, assim, que o trabalho com arte nos abrigos, mobilizado pelo protagonismo migrante, busca não só o fazer, mas também fruir, decodificar, ver e, quiçá, transformar o contexto em que se vive.

Os migrantes, portanto, são atores fundamentais na proposição e organização dessas ações. Se por um lado a organização institucional dos abrigos, que envolve Exército, ministérios, agências humanitárias internacionais e ONGs, é complexa e compreende uma estrutura frequentemente rígida, os projetos artístico-culturais abrem brechas para o protagonismo dos migrantes e para a realização de ações que não se enquadram diretamente nos protocolos da assistência social. Embora ações artísticas não sejam consideradas prioritárias em relação às questões básicas como alojamento, alimentação, saúde, segurança, documentação e educação/escolarização, consideramos que se constituem como uma forma de alicerçar e ampliar o protagonismo dos sujeitos migrantes na estrutura dos abrigos, criando alternativas, pequenas antiestruturas que auxiliam na (com)vivência entre sujeitos distintos, unidos por condições migratórias semelhantes.

Fontes

ACNUR. ACNUR celebra 100 dias do maior abrigo indígena da América Latina. *ACNUR*, 20 jun. 2022. Disponível em: <https://abrir.link/osNHK>. Acesso em: 22 jan. 2026.

ACNUR. Perfil dos abrigos em Roraima. *ACNUR*, 2023. Disponível em: <https://abrir.link/OfFSV>. Acesso em: 26 fev. 2026.

ADOLESCENTE A. *Entrevista concedida à Leila Adriana Baptaglin*. Boa Vista, 2023.

ADOLESCENTE B. *Entrevista concedida à Leila Adriana Baptaglin*. Boa Vista, 2023.

APBC-JF. *Entrevista concedida à Leila Adriana Baptaglin*. Boa Vista, 2023.

APBC-R1. *Entrevista concedida à Leila Adriana Baptaglin*. Boa Vista, 2023.

APBC-R5. *Entrevista concedida à Leila Adriana Baptaglin*. Boa Vista, 2023.

APBC-WT. *Entrevista concedida à Leila Adriana Baptaglin*. Boa Vista, 2023.

ARTISTA-P. *Entrevista concedida à Leila Adriana Baptaglin*. Boa Vista, 2023.

ARTISTA-P2. *Entrevista concedida à Leila Adriana Baptaglin*. Boa Vista, 2023.

BRASIL. Operação acolhida. *Ministério da Defesa*, 2022a. Disponível em: <https://abrir.link/PNNaV>. Acesso em: 30 jan. 2026.

BRASIL. Operação Acolhida. *Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome*, [s. l.]. Disponível em: <https://abrir.link/OztcM>. Acesso em: 10 jan. 2026.

BRASIL. Operação acolhida: Comitê do Ministério da Saúde visita abrigos de migrantes em Boa Vista. *Ministério da Saúde*, 05 fev. 2025. Disponível em: <https://abrir.link/PHfxq>. Acesso em: 10 jan. 2026.

BRASIL. Relatório do Comitê Federal de Assistência Emergencial – CFAE (2022). *Casa Civil*. 2022b. Disponível em: <https://abrir.link/BfOGs>. Acesso em: 20 fev. 2026.

CCFI. Centro Cultural e de Formação Indígena (CCFI). *Fraternidade Missões Humanitárias Internacionais*, 2023. Disponível em: <https://www.missoeshumanitarias.org/ccfi/>. Acesso em: 26 fev. 2026.

GP-P. *Entrevista concedida à Leila Adriana Baptaglin*. Boa Vista, 2023.

PAI A. *Entrevista concedida à Leila Adriana Baptaglin*. Boa Vista, 2023.

PLATAFORMA R4V. 2024. Disponível em: <https://www.r4v.info/pt/brazil>. Acesso em: 20 fev. 2026.

Referências

BAPTAGLIN, Leila Adriana; OLIVEIRA, Floralice Barreto; OLIVEIRA, Gabrielle. Construção identitária de crianças: reconhecimento de si e do outro no contexto intercultural e migratório nas escolas da rede municipal de Boa Vista-RR. *Revista Teias*, v. 26, n. 81, e89431, 2025.

BAPTAGLIN, Leila Adriana; OLIVEIRA, Gabrielle. A imigração venezuelana e o contexto da alfabetização de crianças brasileiras e venezuelanas em escolas municipais de Boa Vista, Roraima, Brasil: um olhar para as considerações da gestão. *Educar em Revista*, v. 40, e92542, 2024.

BARBOSA, Ana Mae. A importância do ensino das artes na escola. Entrevista concedida a Beatriz Morrone. *Revista Época*, v. 1, n. 3, p. 1-5, 2016.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

DINIZ, Alexandre Magno Alves. Fluxos migratórios e formação da rede urbana de Roraima. *Geografia*, v. 33, n. 2, p. 269-287, maio/ago. 2008.

IBGE. Panorama: Censo 2022. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. 2022. Disponível em: <https://abrir.link/bylla>. Acesso em: 10 fev. 2026.

LESSA, Eric Torreiro de Carvalho. *Operação Acolhida: resposta do governo federal para o problema migratório venezuelano no estado de Roraima*. 103f. Mestrado Profissional em Administração Pública pela Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa. Brasília, 2024.

MARTINS, Miriam Celeste. Mediação: provocações estéticas. In: MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Giza; GUERRA, Maria Terezinha Telles. *Teoria e prática do ensino de Arte: a língua do mundo*. São Paulo: FTD, 2006, p. 72-105.

PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. In: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (Orgs.). *Informação e protagonismo social*. Salvador: EDUFBA, 2017, p. 11-26.

RODRIGUES JUNIOR, Marcos Antonio. *Operação Acolhida: o (re)ordenamento da fronteira Brasil-Venezuela: a questão securitária e a garantia de direitos aos refugiados e migrantes*. 181f. Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2022.

SILVA, Beatriz de Melo. *Abrigos da Operação Acolhida em Roraima: a gestão humanitária e a dicotomia Permanência-Provisoriedade*. 135f. Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2023.

TURNER, Victor. *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes, 2013.

VASCONCELOS, Iana dos Santos; MACHADO, Igor José de Reno. Uma missão eminentemente humanitária? Operação acolhida e a gestão militarizada nos abrigos para migrantes venezuelanos/as em Boa Vista-RR. *REMHU*, v. 29, n. 63, p. 107-122, 2021.